

APENDICE A



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

Profletr@s
mestrado profissional

Andreia Doria Aragão

PARTILHAR E ESCREVER



Caderno do Professor
Orientação para escrita processual de textos escolares

APRESENTAÇÃO

Caro (a) colega professor (a)

A sequência didática que constitui este caderno pedagógico é uma tentativa de auxiliar o professor nas práticas com o ensino de produção de texto, visto que é necessário ver a redação do estudante como o fruto de um trabalho sistematizado em relação a temática abordada. As sugestões contidas neste modelo foram fundamentadas em estudos que confirmam a necessidade de reconsiderarmos o tratamento que damos ao ato de escrever textos na escola.

Este caderno também foi elaborado a partir de pressupostos do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS: curso que concilia o saber científico à experiência docente, já que é formado apenas por professores de Língua Portuguesa e que estão em sala de aula. Esta particularidade do curso contribui para a troca de experiências e integração entre nós professores, facilitando a busca de soluções para problemas gerais e específicos que dificultam o ensino nesta área, dentre eles, o desinteresse dos estudantes pela produção de texto.

Assim, este objeto de aprendizagem traz uma estrutura metodológica, ou seja, um passo a passo, dividido em oito aulas para que você possa se guiar quanto ao trabalho com o gênero relato pessoal. Elas estão organizadas em: motivação, apresentação do texto motivador, encaminhamento para a escrita, correção, orientação para a reescrita e partilha das atividades. Apresenta também caixas de textos com sugestões, um quadro síntese das atividades e imagens que foram fotografadas durante a aplicação da pesquisa geradora deste material. Disponibiliza também referências de leitura que podem ser consultadas por você professor para enriquecimento de sua prática pedagógica.

Portanto cientes de que este modelo deve ser uma sugestão adaptável e não fielmente seguido, esperamos que você veja nele uma tentativa de acerto uma vez que ele também nos trouxe resultados contrários em algum momento, mas na maioria dos casos bem sucedidos. Enfim, esperamos que nosso trabalho contribua com novos fazeres na sala de aula.

Bom desempenho!

A autora

Sumário

REFERENCIAL TEÓRICO	4
O jogo como recurso pedagógico	4
A partilha de vivências como atividade integradora na sala de aula	5
Sequência didática e sistematização do ensino da escrita	5
Apresentação inicial	6
Produção do rascunho	6
Produção final	7
Partilha dos textos	7
A importância do feedback para a conclusão do processo de escrita	7
 METODOLOGIA	 9
O passo a passo	11
Aula 1 Motivação (1hora/aula-50 min).....	11
Aula 2 Apresentação do texto motivador (1 hora -aula - 50 min)	12
A importância da leitura para o ato de escrever	12
A apresentação do texto	13
Aula 3 Caracterização do gênero relato pessoal (1 hora/aula - 50 min)	14
Aula 4 Elaboração do rascunho (1 hora- aula- 50 min)	15
Aula 5 Revisão colaborativa	16
Aula 6 O momento do feedback vindo do professor	17
A importância do feedback motivador no processo de correção	17
Como lidar com o elogio	18
Aula 7 A reescrita do texto	18
Aula 8 Partilha dos textos	19
 PALAVRAS FINAIS	 19
 REFERÊNCIAS	 22

REFERENCIAL TEÓRICO

Para desenvolvermos uma nova prática educativa além da criatividade é necessário fundamentarmos as nossas ideias de acordo com estudos que deem suporte aos nossos objetivos. Um professor deve ser também, acima de tudo, um pesquisador e ter embasamento suficiente para defender as suas decisões. A fundamentação permite ainda sistematizar as nossas ações mediante uma postura científica.

Esta foi a postura adotada por nós quando nos propomos a construir um instrumento didático que auxiliasse aos professores no ensino da escrita processual: fundamentar-se através de estudos que sustentassem as nossas proposições. Assim, o nosso referencial teórico é constituído principalmente à luz das ideias de Passarelli (2004) que trata do ensino da escrita através de um processo prazeroso, partindo do lúdico. No que se refere a escrita como produção social, baseamo-nos nos trabalhos de Geraldi (1997) e em Soares (2009) quando tratamos de feedback. Buscamos Marcuschi (2005) no tocante ao trabalho com um gênero textual e, como modelo de sequência didática, adotamos a sugestão de Schneuwly e Dolz (2013).

O jogo como recurso pedagógico

Escrever demanda tempo, reflexão, retomadas...No entanto, as evidências dessas ações no que diz respeito ao ensino de produção textual na escola, raramente são encontradas. Isto porque é um desafio para muitos professores disponibilizarem recursos expressivos para estimular os seus alunos a escrever. Ainda assim, reconsiderar os caminhos pelos quais a produção textual tem percorrido na escola configura que o professor deve estar disposto a criar atividades que promovam o interesse dos educandos pela escrita. Assim, guiados por Passarelli (2004), apostamos na ludicidade para desmistificar o ato de produzirem textos para o aluno. Para a autora, é preciso imprimir à prática pedagógica a interação construtiva, de modo que se instaure um espaço para a compreensão da necessidade de encontrar o prazer no trabalho. E não é só isso. É possível afirmar que, quando o professor propicia aos alunos uma situação mais próxima de sua realidade, a tendência é de que eles tomem gosto pela atividade e passem de pacientes a agentes no processo de produzir textos.

No entanto é preciso ver o jogo com fins didáticos mesmo, pois não se trata de uma mera fuga do convencional, mas da construção do saber, vinculada a algo mais atrativo, ou seja, um incentivo ao desenvolvimento das habilidades necessárias ao cumprimento das tarefas. Ao jogar com as ideias dos alunos você verá que ele será capaz de inventar, reinventar, partilhar e fornecer informações conscientes sobre seu papel no mundo.

A partilha de vivências como atividade integradora na sala de aula

Trabalhar com o gênero relato pessoal é ao mesmo tempo descobrir a quem ensinamos e de onde vêm os nossos educandos. É oportunizar a troca de experiências entre eles, fazendo-os descobrir-se como integrantes de contextos sociais semelhantes. E, além de tudo isso, é dar meio para que o sujeito desenvolva o seu discurso, considerando as suas necessidades.

Para Gomes-Santos (2003), ao serem considerados constitutivos de processos discursivos em que se inscrevem os sujeitos, os gêneros aparecem como espaço privilegiado de problematização teórica no processo de aquisição e ensino da escrita. “Desta forma, o texto será o resultado, o produto concreto da atividade do discurso, visto que o discurso se concretiza no texto”. PASSARELLI (2012 p.121) E não é só isso, a partilha de vivências permite ainda que os sujeitos ajustem o seu discurso mediante as reflexões que fazem da realidade do outros no grupo. E é justamente nesse olhar para o outro que os problemas são unificados e a capacidade de reflexão sobre eles é ampliada. Portanto, será nessa integração que as ideias de ação sobre o mundo ocorrem. No caso de nossa pesquisa com o relato, a apropriação teve por objetivo facilitar o reconhecimento dos alunos como membros com características bem semelhantes, convivendo num mesmo espaço com pouco ou nenhum conhecimento.

É aconselhável os professores de 6º ano trabalharem com esse gênero, relato pessoal, no início do ano letivo onde ocorre o ingresso dos educandos no ensino fundamental maior.

Sequência didática e sistematização do ensino da escrita

O modelo de sequência didática a ser apresentado está associado às pesquisas sobre a aquisição da língua escrita através de um trabalho sistemático com gêneros textuais desenvolvidos por Dolz, Noverraz e Schneuwly. Para eles “uma sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero oral ou escrito”. (ROJO e GLAÍS, 2004, p.97). Em outras palavras é um conjunto de atividades selecionadas para serem aplicadas por etapas desde a motivação até a avaliação da aplicação. A estrutura da SD desenvolvida por estes autores é constituída pelos seguintes passos: **apresentação da situação, produção inicial, módulo 1, módulo 2, módulo 3 e produção final.**

No entanto, apesar de nos guiarmos por este exemplo, não nomeamos o nosso desenvolvimento das atividades por módulos, mas por etapas, mas as estratégias foram bem semelhantes. Deste modo, a sequência que sugerimos caracteriza-se da seguinte forma:

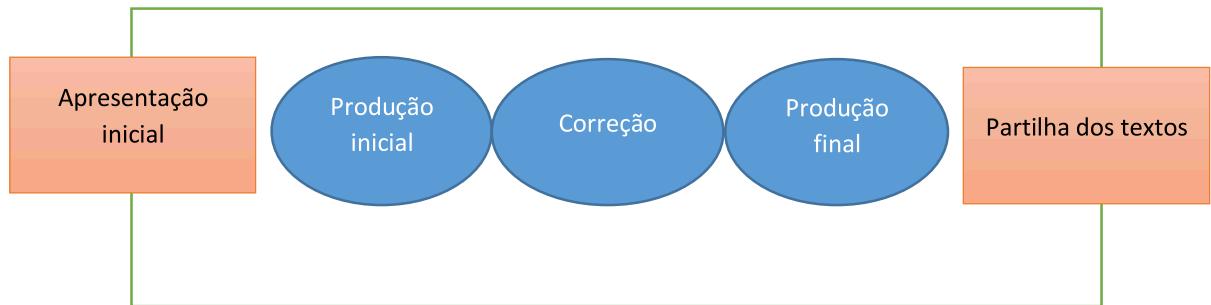


Figura 1 - Esquema de sequência didática

Apresentação inicial

- Apresentar uma questão a ser abordada e o gênero que será usado.
- A quem se dirige a produção e para que será feita.
- Apresentação de um texto motivador.

Produção do rascunho

Nesta etapa o aluno começará a escrever o seu texto. É o momento de ter ideias e registrá-las no papel.

Correção e encaminhamento à reescrita

Este será o momento de trabalhar os problemas que aparecem na produção inicial: tangenciamento da proposta, descaracterização do gênero proposto, excesso de desvio das habilidades convencionais da língua.

A ortografia poderá ser corrigida com ajuda do dicionário, manuais ortográficos e o próprio aluno poderá fazer essa correção. Basta indicar-lhes onde precisará ser feito.

Portanto, você poderá agir da seguinte forma:

- Chame seu aluno em particular;
- Converse com ele e descubra quais são suas intenções;
- Demonstre a importância de ajustar o texto;
- Incentive-o a reescrevê-lo;
- Aponte o que deve ser substituído, retirado ou acrescentado na sua produção.

Não é o momento ainda, caro professor, de preocupar-se com minúcias típicas da fase final, como a aplicação eficaz de elementos de coesão e coerência.

Produção final

Após indicar o que deverá ser refeito, os alunos poderão refazer seus textos. Não é garantido que o façam, mas de todo modo encaminhe-os a esta realização, professor.

Partilha dos textos

Este momento corresponde a finalidade atribuída a aplicação da sequência, possibilitar integração dos educandos através da partilha de experiências ou relato pessoal. Para tanto, é interessante organizar este momento final, assim:

- a) Convide os pais e a comunidade escolar para a partilha.
- b) Sugira ao aluno fazer a leitura vozeada, mas poderá surgir timidez devido a exposição da vida pessoal do estudante.
- c) Prepare um cantinho com lanche e enfeites que simbolizem o momento de gratificação.

Devemos ressaltar que o modelo que adotamos pode ser modificado conforme os objetivos do professor. Isso é sugerido pelos próprios autores da sequência em seus postulados.

A importância do feedback para a conclusão do processo de escrita

Diante de uma perspectiva processual todo aluno deve ter direito a reelaborar seu texto. O retorno para fazer ajustes é tão fundamental quanto motivá-lo a dar o primeiro passo. Porém, essa não é uma prática comum nas aulas de redação, quando, na maioria dos casos, o texto (rascunho) é recolhido, borrado e devolvido ao aprendiz sem sequer haver um esclarecimento sobre o que foi corrigido. Para Menegassi (2000 apud SOARES, 2009), em qualquer produção de texto no ambiente escolar o aluno espera por algum tipo de comentário ou observação do professor em relação ao seu texto. Suassuna (2011, p.119) também afirma que “O retorno da produção do aluno é uma ação indispensável”.

Porém, essa atitude deve ser compreendida como uma ação política no que diz respeito a forma como tratamos essa correção, pois um comentário feito sem a devida cautela poderá aborrecer o aluno, afastando-o do processo. Geraldi (1997) propõe ser necessário que em toda e qualquer metodologia de ensino se articule uma opção política, mas isso envolve uma teoria

de compreensão e interpretação da realidade. Ou seja, repensar os caminhos pelos quais nosso aluno vem trilhando no processo de aprendizagem, ajuda muito porque a cultura da correção como punição pode estar enraizada na nossa sociedade. Sabemos que muitas vezes ela é preconceituosa e rotula o aluno e, por que não dizer, constrange-o.

No entanto, é indispensável indicar ao aluno o que é necessário reajustar no seu texto para que os outros compreendam sua mensagem. Não estamos aconselhando o elogio acima de tudo, mas uma forma mais criteriosa de corrigirmos os textos dos nossos alunos. Quando falamos em critérios, estes devem ser bem esclarecidos pelo professor antes mesmo do aprendiz começar a rascunhar. Tais critérios devem ser organizados conforme a função que o professor propôs em dar a esse trabalho do aluno. Vale esclarecer que avaliar o rascunho do aluno não é procurar somente a proficiência de domínio gramatical, mas, acima de tudo, verificar como o aluno opera com seu texto e o que precisa ser melhorado nele para que o enunciado seja compreendido pelos futuros leitores. Apresentamos a seguir alguns critérios que poderão ajudar na correção dos rascunhos sobre o gênero trabalhado.

Critérios de correção significativos a nossa proposta:

- ✓ Partilhar experiências pessoais sobre sua infância;
- ✓ Operar conforme caracterização do gênero;
- ✓ Instaurar significação às frases e ao texto como um todo.
- ✓ Demonstrar o mínimo de conhecimento sobre convenções da língua escrita.

Vale lembrar que você poderá escolher que tipo de habilidade deseja medir no texto de seu aluno. Isso também varia conforme o tipo de gênero abordado, isto é, nos casos que envolve oralidade, transcrições etc.

METODOLOGIA

Caro professor, apresentaremos agora o passo a passo para a execução de um trabalho voltado para a escrita processual. No entanto, devemos esclarecer que as estratégias que aqui serão mencionadas foram articuladas considerando a série do público-alvo, 6ºano do Ensino Fundamental, a necessidade de contemplar o estudo de gêneros diversificados e o embasamento teórico que tivemos a partir das leituras que fundamentaram nossa proposta. Mas cada professor pode adaptá-las de acordo com a necessidade de sua turma. Para Mary Rangel (2002), as possibilidades de ensino são múltiplas se soubermos como utilizá-las ou adaptá-las.

Sendo assim, criar métodos que melhorem a aprendizagem dos alunos é um grande passo, considerando-se que o convencional às vezes torna-se monótono e atrapalha este processo. E não é só isso. “É preciso ousar, aprender a ousar, para dizer não à burocratização da mente a que nos expomos diariamente.” (FREIRE, 1994, p. 10) Diante disso, não restam dúvidas de que é preciso fazer com que os nossos alunos se sintam à vontade para escrever. E que você professor, necessita nutrir nos alunos um sentimento de que eles são capazes de escrever.

Para isto, você poderá estruturar nossa metodologia na sequência de Schneuwly e Dolz, pois este modelo contém uma seção de abertura, com a apresentação da situação de estudo na qual é descrita de maneira detalhada a tarefa de exposição oral ou escrita que os alunos deverão realizar. De acordo com esses autores, deve haver uma produção inicial ou diagnóstica, a partir da qual o professor avalia as capacidades já adquiridas e ajusta as atividades e os exercícios previstos na sequência às possibilidades e dificuldades reais da turma. Vale ressaltar, que não se trata apenas de uma forma de organizarmos a aula para o ensino da escrita, mas é, na verdade, a condução metodológica para atrair o aluno.

Portanto, acreditando numa nova forma de ensino para o desenvolvimento da escrita construímos o nosso planejamento didático, cuja síntese será apresentada na tabela seguinte.

QUADRO SÍNTESE DA SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES

AULA/DATA	ETAPA	PROCEDIMENTO/TEMPO DE DURAÇÃO	RECURSOS
AULA 1 13/04/2016	MOTIVAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • Breve esclarecimento sobre a pesquisa • Aplicação de um jogo de memória 	<ul style="list-style-type: none"> • Banner com o tema da pesquisa • Envelopes com Vocábulos
AULA 2 14/04/2016	APRESENTAÇÃO DO TEXTO MOTIVADOR	<ul style="list-style-type: none"> • Audição do som do canto do Melro (5 min) • Aplicação de um jogo (quebra-cabeça) para escolher os que fariam a leitura vozeada (15 min) • Leitura silenciosa (10 min) • Leitura vozeada (20 min) 	<ul style="list-style-type: none"> • Aparelho de som • Quebra-cabeça • Texto (cópias)
AULA 3 20/04/2016	CARACTERIZAÇÃO DO GÊNERO RELATO PESSOAL	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação de vídeo aula (12 min) • Exploração oral (15 min) • Operação com o texto modelo (10 min) • Reforço com cartaz (13min) 	<ul style="list-style-type: none"> • Aparelho de televisão • Cópias do texto • Cartaz
AULA 4 27/04/2016	PRODUÇÃO DE RASCUNHO	<ul style="list-style-type: none"> • Revisão das aulas anteriores (10 min) • Encaminhamento à produção inicial (30 min) • Definição dos critérios de correção (10 min) 	<ul style="list-style-type: none"> • Cartazes • Texto motivador • Caderno, lápis e borracha
AULA 5 27/04/2016	CORREÇÃO COLABORATIVA	<ul style="list-style-type: none"> • Formação de grupos (5 min) • Troca de textos (5 min) • Observação e leitura dos textos (30 min) • Interferência do professor (10 min) 	<ul style="list-style-type: none"> • Rascunhos previamente produzidos
AULA 6 05/05/16	O FEEDBACK MOTIVADOR	<ul style="list-style-type: none"> • Correção interacional entre professor e cada aluno individualmente (50 min) 	<ul style="list-style-type: none"> • Rascunhos
AULA 7 05/05/16	ENCAMINHAMENTO À REESCRITA	<ul style="list-style-type: none"> • Encaminhamento a reescrita (50 min) 	<ul style="list-style-type: none"> • Rascunho • Folha para o texto final
AULA 8 12/05/16	PARTILHA DOS TEXTOS	<ul style="list-style-type: none"> • Partilha dos textos • Apresentação do livrinho 	<ul style="list-style-type: none"> • Livrinho com história da turma

Após uma breve ilustração do que estamos propondo, nas seções seguintes explicaremos os detalhes referentes às atividades elencadas. Observamos que essa sequência não deve ser vista como um modelo a ser seguido, mas como um instrumento que poderá ser flexionado conforme a realidade de cada professor.

O passo a passo

Antes de começar a aplicação da sequência, deixe bem claro para seu aluno o que você pretende fazer, inclusive se sua pretensão for confeccionar um livrinho com histórias deles como nós fizemos. Por isso é fundamental pedir autorização por escrito aos pais para não haver questionamentos sobre a exposição de relatos sobre a vida dos alunos. O termo de compromisso poderá ser elaborado por você, encaminhado aos pais e recolhido com a assinatura deles. Esta assinatura poderá ser conferida através da ficha de matrícula dos alunos. Assim, segue o detalhamento da nossa proposta.

Aula 1 Motivação (1hora/aula-50 min)

Com o objetivo de motivar os alunos para a ativação de suas memórias, você poderá valer-se do mecanismo da ludicidade, ou seja, dinamizar a aula para tentar fazer com que os aprendizes tomem o gosto para escrever. Neste caso, sugerimos o jogo de palavras. Mas é claro que não podemos afirmar que este jogo envolverá a todos os educandos, pois esta é uma atividade voluntária. (HUIZINGA,1996). No entanto, uma tentativa é aconselhável. Sendo assim, orientamos que você invista e arrisque seduzi-los com tal estratégia.

O jogo que elaboramos e sugerimos é constituído por vocábulos dentro de envelopes.

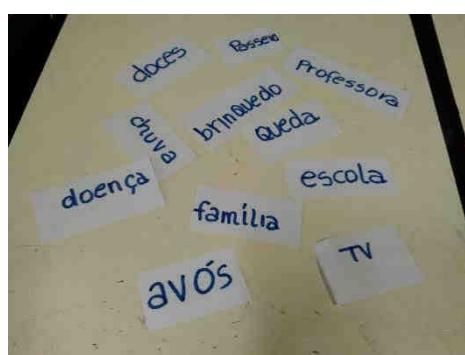


Imagen 1 - Jogo da memória

É simples de confeccionar e tem baixo custo. Além disso, poderá ser adaptado conforme o foco do relato pessoal. O nosso foi Recordações de Infância. É importante que você defina um tema se quiser confeccionar um livrinho da turma, pois pedir para que o aluno

faça um relato pessoal poderá trazer fatos simultâneos comprometendo a estrutura da narrativa. Esta foi a nossa preocupação quando decidimos tematizar os textos. Portanto, vamos às regras do jogo da memória.

Estes são os cinco passos para a execução do jogo:

Professor, você poderá utilizar uma música que descontraia o ambiente enquanto ocorre a distribuição dos envelopes. Poderá também deixar o aluno a vontade para trocar de tema com o colega em caso de rejeição ao selecionado.

- 1) Peça para que os alunos formem um círculo;
- 2) Distribua envelopes contendo vocábulos que remetam a recordações de infância, como: avós, queda, passeio, brinquedo, escola, doces, desenhos, medo...
- 3) Comece você mesmo a contar algo relacionado a sua infância;
- 4) Em seguida sugira que um aluno continue a partilha e assim sucessivamente;
- 5) Após a exposição oral das experiências, peça para que guardem as palavras e justifique que elas serão utilizadas como pistas para a futura produção textual.



Para fortalecer o clima de ludicidade você poderá investir num cantinho de guloseimas, pois isso encanta e atrai os alunos.

Imagen 2 - cantinho de guloseimas

Aula 2 Apresentação do texto motivador (1 hora-aula - 50 min)

A importância da leitura para o ato de escrever

A leitura também é um instrumento que subsidia a escrita. Koch (2014) afirma que na atividade de leitura, ativamos um lugar social, vivências, relações com o outro, valores da comunidade, conhecimentos textuais. Desse modo, o leitor vai aplicar ao texto um modelo

cognitivo baseado nos conhecimentos que tem armazenado na sua memória. E foi por isso que incluímos a leitura de um texto no processo que desenvolvemos. Entretanto a escolha desse texto não pode ser aleatória. Ela tem que estar associada ao escopo do que se pretende solicitar ao aluno. Para Ziberman (1991), “a compreensão e o posicionamento diante das necessidades dos alunos devem presidir a escolha dos textos e a leitura deles, pois elas assumem a condição de critérios a orientar a análise e recepção das obras”. Foi mediante essa perspectiva que elegemos “O encantador de melros” de Ziraldo, como um dos instrumentos que utilizaríamos na nossa pesquisa, já que é um texto contido no livro didático, e o seu autor é bem conhecido das crianças. Entretanto, o principal critério para a escolha foi o fato de ele ser um relato de uma lembrança de infância tema da nossa proposta. Mas é possível que você, professor, queira utilizar um outro texto se achar mais conveniente.

Caro professor,

Sugerimos o limite de alunos para fazerem a leitura vozeada, devido a possibilidade de quebra na compreensão do texto durante a troca demasiada de participantes. Deste modo tentamos garantir o equilíbrio da expectativa em relação a sucessão de fatos.

FRAGMENTO DO TEXTO

Uma das recordações mais felizes da minha infância é a da sinfonia dos melros nas palmeiras. A gente chegava muito cedo para a primeira aula do Grupo Escolar que ficava na praça que era cercada de altas palmeiras. Pois é: minha terra tinha palmeiras onde, em vez de sabiá, cantava o melro. E, como a gente chegava muito cedo para a aula, os melros ainda estavam cantando a sua canção matinal. Era como se estivessem saudando os meninos morenos, que também chegavam em bando para a escola [...]

(Pinto, Ziraldo Alves. Os meninos morenos - Com versos de Humberto Ak'abal. São Paulo: Melhoramentos, 2004. p. 45-8.)

A apresentação do texto

Pois bem, a apresentação do texto modelo pode também ocorrer de forma mais dinâmica, ou seja, a escolha de quem fará a leitura vozeada, ocorre em clima de brincadeira. Neste caso, você poderá montar um quebra-cabeça sobre uma imagem relacionada a algum personagem

da história e juntá-los a outros recortes sobre imagens que não tem correlação com a narrativa. Assim, quem conseguir montar a figura, vai ler o texto em voz alta.



Imagen 3 - alunos montando o quebra-cabeça

Porém, é muito importante lembrar que todos os alunos devem receber as cópias do texto motivador e serem encaminhados a um momento de leitura silenciosa, no entanto, apenas alguns membros faram a vozeada.



Imagen 4 - alunos fazendo leitura silenciosa

Aula 3 Caracterização do gênero relato pessoal (1 hora/aula - 50 min)

Os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. (MARCUSCHI, 2005) Assim, associar as características do gênero relato pessoal ao vínculo social que os gêneros podem ter é justamente esclarecer aos alunos que o relato é uma forma mais adequada para promover a partilha de experiências. Esta é uma modalidade que se concretiza não só na escrita, mas também através da oralidade. No que diz respeito às suas características, podemos destacar: formas verbais em primeira pessoa, uso de linguagem coloquial ou informal, tempos verbais apresentando-se no presente ou no pretérito, estrutura narrativa. Sobre a forma como abordá-las, sugerimos utilização de vídeo aula e

também exploração do próprio texto motivador como recurso. Além disso, a confecção de cartazes também poderá ajudar. Indicamos o seguinte para a elaboração de um cartaz sobre gênero.



Imagen 5 – Caracterização do gênero

Neste cartaz fizemos uma comparação entre os tipos de gênero, seus suportes de circulação e as principais características com os recipientes onde são guardados os cereais nas nossas casas. Cada potinho contém um cereal guardado conforme o tipo de cada um. Assim também ocorre com a separação dos textos em gêneros. Cada gênero específico tem uma determinada função. Se possível, leve outros tipos de textos de outros gêneros para que os alunos percebam essa diferença, mas não se esqueça de utilizar gêneros que façam parte da realidade dos alunos como, por exemplo, bula farmacêutica, receitas culinárias...

Professor, não vamos sugerir um vídeo aula em específico, pois existe uma infinidade disponíveis em redes. Aconselhamos, no entanto que você faça uma pesquisa e selecione aquele que seja mais significativo à sua proposta. Ressaltamos ainda que este deve ser de curta duração. Algo em torno de 15 min.

Aula 4 Elaboração do rascunho (1 hora- aula- 50 min)

Professor, talvez seja uma novidade trazermos a elaboração de rascunhos como parte de nossa sequência, devido a forma como a produção textual foi abordada no decorrer da nossa formação. Mas se existe uma atitude capaz de melhorar a qualidade da escrita de nossos alunos, é dando-lhes oportunidades de refazerem seus textos. Por isso, chamamos de rascunho a produção inicial já que não vemos o texto neste momento da sequência como finalizado, mas como capaz de ser melhorado. Para tanto, é importante fazer uma breve revisão das aulas anteriores. Vamos lá!

- Espalhe imagens com figuras que remetam aos vocábulos adquiridos pelos alunos através do jogo na primeira aula.
- Retome as características do gênero relato através do texto motivador.
- Deixe bem claro a funcionalidade que o texto deles terá.
- Limite o tema sobre o qual ele discorrerá.
- Apresente os critérios de correção que serão relevantes para o encaminhamento à reescrita.
- Encaminhe-os para a concentração e à produção inicial.



Imagen 6 - Revisão das aulas anteriores

Aula 5 Revisão colaborativa

Dar seu texto para outros lerem é uma prática usual, mesmo entre profissionais da escrita. Essa prática também permite que o aluno regule e controle seu próprio comportamento a partir da observação do texto do outro. Porém, não é garantido que esta tarefa seja bem sucedida. Vai depender muito do repertório que o aluno já adquiriu para identificar e indicar possíveis ajustes no texto do colega.

Entretanto, você poderá tentar fazer com que seus alunos despertem o olhar para o trabalho do colega assim:

- 1º) Forme grupos (coloque alunos com maior repertório junto a quem precisa de um reforço).
- 2º) Peça para que troquem os rascunhos e cada um leia o texto do outro.
- 3º) Peça também para que destaquem o que acham que deverá ser ajustado.
- 4º) Visite cada grupo e confira se os alunos estão realizando a tarefa proposta.
- 5º) Observe o que foi pontuado e encaminhe os alunos a refazer o texto.



Imagen 7 -Alunos fazendo revisão colaborativa

Aula 6 O momento do feedback vindo do professor

A importância do feedback motivador no processo de correção

Chamamos de feedback o ato no qual o professor faz uma colaboração construtiva ou não a respeito do rascunho elaborado por seu aluno. No entanto, orientamos que este seja feito de modo a motivar o educando e não a afastá-lo. Ou seja, o professor deve adotar uma postura política mediante a correção, pois, conforme está escrito nos PCN, o tratamento que se dá à escrita na escola pode inibir os alunos ou afastá-los do que se pretende. Entretanto, inúmeros são os casos em que os professores constrangem e aterrorizam aos alunos durante a etapa da revisão. Isto porque para muitos o primordial na escrita é a aplicação correta dos recursos ortográficos e gramaticais. É o que Passarelli (2012) denomina de “Higienização do texto”, quando o fim da escrita acaba ali, nos “erros” convencionais. Porém, nesse momento, o melhor a se fazer é observar se o aluno atende aos critérios estabelecidos previamente para esta correção. Ocorre que muitos professores chegam a esta etapa sem saber o que irá verificar no texto de seu aluno, isto é, não definiu critérios para corrigi-los e

Para Soares (2009 p.31), “com o envolvimento ativo de todos no papel de leitores, respondendo e agindo aos textos uns dos outros, há um crescimento coletivo pois se cria um espaço para que os indivíduos partilhem e busquem independência do professor”.

Caro professor, este será o momento dos ajustes a partir do aconselhamento do professor, numa conversa em particular através do olho no olho de preferência.

acaba voltando o olhar para os tradicionais erros da gramática. Não estamos querendo dizer aqui, caro professor, que você deva fazer vistos grossas diante da falta de habilidade de seu aluno com as convenções da escrita, mas que você valorize outros aspectos envolvidos na construção de sentidos.

Como lidar com o elogio

Para nós é importante que o estudante tenha um retorno de seu discurso, tornando-se consciente daquilo que poderia deixar o seu texto mais claro e suas opiniões mais convincentes. Por isso, as doses de elogios não devem ultrapassar o limite da sensatez. É fundamental indicar se o aluno está trilhando o caminho certo dentro do processo, apontando os melhores ângulos para que seu texto alcance compreensão geral. Sabemos que todo ser humano gosta de receber aprovação, mas é preciso dizer com clareza quando o elemento é um intruso na questão.

No mais chame seu aluno individualmente, pegue os critérios que você elaborou para encaminhá-lo a escrita e observe se estes foram cumpridos na sua totalidade, ou parcialmente. Faça uma tabelinha para avaliar cada aluno. Em seguida, oriente-o sobre os ajustes, justificando o porquê das sugestões de retiradas de alguns vocábulos, trocas etc.

Vale alertar que apesar de todo esse encaminhamento, alguns alunos resistiram ao ato de reescreverem seus textos. Esse comportamento nos dá um exemplo de como estão enraizados na cultura do produto imediato e de quanto precisamos investir mais na escrita como um processo.

Aula 7 A reescrita do texto

Após o encaminhamento à reescrita através do momento do feedback, disponibilize uma folha apropriada para que o aluno passe a limpo sua produção. Este é um momento em que o professor poderá observar como eles estão empenhados em fazer a atividade, mas é preciso também deixá-los quietos para haver concentração. No entanto, você deve estar disposto a esclarecer quaisquer dúvidas que possam surgir durante esta aula.



Imagen 8 - Alunos reescrevendo seus textos

Aula 8 Partilha dos textos

A partilha dos textos é um momento fundamental para a conclusão da sequência de atividades. Pois ela é a prova de que todo o trabalho do aluno terá realmente um fim. Você poderá organizar um livrinho com as histórias que os alunos produziram e sugerir que eles leiam os seus relatos para que os outros tomem conhecimento de suas vivências. Como a participação da família na escola é sempre contemplada, o professor poderá também convidar pais e alguns membros administrativos da escola para se fazerem presentes. É interessante também oferecer um lanche para uma confraternização final da aplicação da sequência. Assim sendo, deixe que cada um se apresente conforme desejo de compartilhar o texto, se houve algum aluno que se negue a fazer a leitura vozeada, não terá problema, pois é muito difícil falarmos da nossa vida íntima, mesmo que sejam temas felizes relacionados a ele. No entanto, de acordo com nossa experiência, os alunos adoram fazer a leitura de seus textos principalmente quando se reconhecem neles.

PALAVRAS FINAIS

Neste caderno falamos diretamente com você, professor, que está na sala de aula e dedica-se a melhorar o ensino de seus educandos. Entretanto, para preparamos este material foi necessária uma motivação que nos fizesse justificar sua construção. Para nós, uma das maiores motivações foi desafiar você a despertar em seus alunos o gosto pelo ato de escrever textos.

Nesta ação, nos inspiramos especificamente nas propostas didáticas do Profº Dr. Joaquim Dolz, que nos fez voltarmos o nosso olhar para a sistematização da produção textual através do desenvolvimento de sequências didáticas;

Joaquim Dolz pertence a uma escola genebrina que tem influenciado muitas pesquisas, propostas de intervenção e de políticas públicas de educação em vários países. No Brasil, a ação do seu trabalho se faz sentir nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

A sequência didática que tivemos o prazer de apresentar amplia o acesso a um produto com marcas sociais, culturais e psicológicas de seu produto, uma vez que mobilizamos uma série de atividades que fizesse os alunos refletirem e reconhecerem seu próprio contexto e de outros envolvidos. Trata-se de incentivar a escrever, dando mais ênfase aos saberes dos alunos. E ainda buscamos ligar esta prática ao desenvolvimento afetivo do autor, pois o gênero, relato pessoal, possibilita esse jogo através da ativação de recordações pessoais, as vezes até dolorosas.

Dessa forma, o professor que deseja preparar seu aluno para que aprenda a fazer registros pessoais poderá valer-se do nosso modelo. No entanto, lembramos a você professor, que as sequências didáticas podem ser reorganizadas conforme seu propósito. Segundo as Olimpíadas de Língua Portuguesa, estamos numa batalha e para ganhá-la precisamos de armas adequadas. O indivíduo que não sabe escrever estará sempre dependendo dos outros e pode ter limitações na vida profissional. E não é só isso: o texto é um dos melhores instrumentos para se adquirir habilidades quanto ao manuseio com as convenções da língua e usos formais, ou seja, escolher vocabulário adequado, respeitar estruturas sintáticas e morfológicas, empregar ortografia adequada etc.

Além disso, tomando a escrita como um processo, passamos a exercitar a reescrita do texto revisado, atividade necessária para que o professor chegue ao resultado esperado.

Nessa pesquisa percebemos o quanto o hábito, de revisar o texto e refazê-lo ainda é pouco utilizado e precisa ser mais incentivado. Tentamos fazê-lo coletivamente, porém devido

ao perfil da classe (muitos alunos com pouco repertório quanto aos critérios que desejávamos que eles conferissem no texto do outro), partimos para a correção entre professor e aluno. É o que chamamos neste caderno de feedback motivador. Esse é um momento muito gratificante, porém ressaltamos que em função da ociosidade dos demais alunos, não deverá extender-se para outra finalidade, como por exemplo, digreções do assunto principal. O papel do professor neste momento é o de revisor do texto. Pretende-se que, por meio dele, o aluno melhore sua produção e torne-se consciente do que escreveu. Mas é ingênuo pensar que os alunos resolverão seus problemas com a escrita após a entrega do produto final desta SD, por exemplo. Sabemos que a problemática que envolve o processo de leitura e escrita no Brasil é crônico. E que a situação de produção que é proposto neste objeto de aprendizagem deve ser ampliado e direcionado a um trabalho com outros gêneros textuais também.

Assim oferecemos-lhes algumas dicas para que você desenvolva o seu modelo de sequência didática:

- 1) O que vai ser produzido? E por qual gênero será elaborado?
- 2) Qual é a finalidade desta produção? Por quanto tempo será aplicada?
- 3) Quem vai ler?
- 4) Em quais esferas irão circular?
- 5) Que texto motivará a escrita?
- 6) Quais os critérios de correção para revisar o texto?
- 7) De que forma ocorrerá a revisão?
- 8) Quanto tempo os alunos terão para produzir o texto final?

Tendo em vista as sugestões que apresentamos, você poderá, inclusive, preencher lacunas existentes nas tarefas propostas em livros didáticos.

Ainda tratando sobre os benefícios de sistematizar o ensino da leitura e escrita em sala de aula, ressaltamos o fato da dinamicidade da prática pedagógica tradicionalmente focada na reprodução de conteúdos. No entanto, você não deve conformar-se apenas com o entusiasmo do aluno em participar das atividades. É preciso regular o que ele faz, introduzindo comentários, relendo rascunhos, conduzindo-os a melhorarem seus próprios textos.

Agora, pouco nos resta a dizer, meu caro professor, porém o suficiente para notificarmos o quanto foi satisfatório para nós vermos as produções dos informantes da nossa pesquisa organizada em um livrinho. Uma semente que lançamos em oito aulas e que floresceu vigorosamente. É certo que colhemos apenas doze textos dentre os 21 alunos que

pesquisamos, mas diante do panorama educacional em que nos encontramos, principalmente no que diz respeito ao ato de escrever, este número foi muito significativo.

Quando a semente foi lançada acreditávamos num solo fértil para todos, mas algumas investidas não surtiram efeito. De início, dois alunos não quiseram deixar-se regrar, e os demais foram enfraquecendo pelo caminho. Tentamos adubá-los, mas o tempo foi insuficiente para aquele tipo de semente florescer. Assim, vimos brotar naquele espaço cultivado, doze frutos gostosos de serem degustados: as histórias com recordações de infância daqueles alunos. E é com essa sensação que desejamos a você inspiração necessária para reconsiderar os caminhos que segue em sua sala de aula e buscar melhorá-los cada vez mais.

REFERÊNCIAS

- ALTENFELDER, Anna Helena; CLARA, Regina Andrade. **Memórias literárias.** Portal da olimpíada de língua portuguesa. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/artigos/artigo/1339/o-genero-memorias-literarias> Acesso: 23/10/2015
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais:** os conteúdos de língua portuguesa no ensino fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CENPEC. **A ocasião faz o escritor.** Caderno do professor: orientações para produção de textos. Equipe de produção: Maria Aparecida Laginestra e Maria Imaculada Pereira. São Paulo: Cenpec, 2010. Coleção da Olimpíada.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Tereza Cochar. **Linguagens, 6º ano: Língua portuguesa.** 7ª ed. Reform. São Paulo: Saraiva, 2012.
- DOLZ, Joaquim e SCHNEUWLY, Bernard, NOVERRAZ, Michele. **Gêneros e progressão em expressão oral e escrita.** -. Sequencias didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: gêneros orais e escritos na escola Tradução e organização Roxane Rojo e Glaís, Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de letras, 2004: São Paulo: Mercado de letras, 2006
- CINTRA, Anna M. Marques e PASSARELLI, Lílian G. **A pesquisa e o ensino da língua portuguesa sob diferentes olhares.** São Paulo: Blucher, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não – cartas a quem ousa ensinar.** São Paulo: Olho d'água, 1994.
- GERALDI, João Wanderley. et al. (orgs.). **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, 1997.
- GOMES-SANTOS, Sandoval Nonato. **Recontando histórias na escola: gêneros discursivos e produção escrita-** São Paulo: Martins Fontes, 2003- (texto e linguagem)
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura.** Tradução de João Paulo Monteiro. 4ed.São Paulo. Perspectiva. 1996
- KOCH, Ingodore Villaça. Ler e compreender: os sentidos do texto/ Ingodore Villaça Koch e Vanda Maria Elias. -3 ed.,7ª impressão. -São Paulo: Contexto, 2014
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva e outros. **Gêneros textuais e ensino.** Rio: Lucerna, 2005.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- PASSARELLI, Lílian Ghiuro. **Ensino e correção na produção de textos escolares.** São Paulo: Cortez, 2012.

- _____. **Ensinando a escrita: o processual e o lúdico.** 4º. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2004.
- PINTO, Ziraldo Alves. Os meninos morenos - Com versos de Humberto Ak'abal. São Paulo: Melhoramentos, 2004. p. 45-8.
- RANGEL, Mary. **Dinâmica de leitura para a sala de aula.** 26.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- SILVA, Leilane Ramos da; CARDOSO, Denise Porto (orgs.). **Gênero, livro didático e concepção de escrita:** Diálogos sobre produção textual. João Pessoa: Editora do CCTA. V.1, 2015.
- SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola.** Tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. 3. ed. Campinas: Mercado das Letras, 2013.
- SOARES, Doris de Almeida. **Produção e revisão textual:** um guia para professores de Português e de Línguas Estrangeiras. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- ZIBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura.** 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1991.